



LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEITOS E CONTEXTOS

LITERACY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: CONCEPTS AND CONTEXTS

Ellen Risia de Siqueira Freitas¹

RESUMO: O estudo, em questão, é parte dos textos lidos e refletidos em sala de aula pelos docentes e discentes da disciplina de Processos e Práticas de Letramento e discentes, da Unidade Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás. Metodologicamente, há uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, que tem como objetivo apresentar discussões sobre os pressupostos teóricos de letramento na educação infantil, com destaque para a alfabetização. Sabe-se da importância de se retomar as discussões sobre a alfabetização, relacionando com letramento, em função de ser ela a principal responsabilidade, em especial da escola, nos últimos séculos. Com base nisto, esperamos que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir para debates em relação à temática letramento.

Palavras-chave: Alfabetização; Educação Infantil; Letramento.

ABSTRACT: The study, in question, is part of the texts read and reflected in the classroom by teachers and students of the subject of Literacy Processes and Practices and students, of the Anápolis Unit of Socioeconomic Sciences and Humanities of the State University of Goiás. Methodologically, there is bibliographic research of qualitative approach, which aims to present discussions about the theoretical assumptions of literacy in early childhood education, with emphasis on literacy. We know the importance of resuming the discussions about literacy, relating it to literacy, because it has been the main responsibility, especially of the school, in the last centuries. Based on this, we hope that the reflections presented here can contribute to debates about literacy.

Keywords: Alphabetize; Child Education; Literacy.

INTRODUÇÃO

O trabalho, em questão, contém os estudos que foram realizados na disciplina de Processos e Práticas de Letramento, sendo realizados durante a participação no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Unidade Anápolis Ciências Socioeconômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás. Guiado pela problemática de se compreender as práticas de letramento da educação infantil, que subsidia o início do processo de alfabetização, temos como objetivo apresentar breves discussões teóricas acerca desse assunto.

Espera-se que as discussões apresentadas neste trabalho possam gerar debates

¹ Ellen Risia de Siqueira Freitas, Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás, risia.ellen@gmail.com



sobre a importância da prática do letramento desde os anos iniciais, ou seja, na Educação Infantil, afinal, nos dias de hoje, em que a humanidade está cada vez mais centrada na escrita, ser alfabetizado, isto é, o saber ler e escrever. Entretanto, tem-se revelado condição insuficiente para responder às demandas contemporâneas, é preciso ir além da aquisição do código escrito, é preciso fazer uso da leitura e da escrita na vida cotidiana, apropriar dessas funções sociais. É preciso letrar-se.

O letramento inicia em casa, com a vivência do cotidiano, na relação familiar, nos instrumentos sociais, como, computadores, televisão, celular, internet, sinais de trânsito, entre outros, ou seja, muito antes de conhecer letras, números e as maneiras de escrever, já o letramento na escola é traduzido em ações pedagógicas e planejamentos de ensino.

De acordo com Freire (1984, p.11), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” e a aprendizagem se inicia antes dos primeiros anos de escola, conhecido como a educação infantil, e para compreender o que as crianças trazem para escola, é preciso observar e ouvir, e elas, as crianças, posteriormente precisam aprender como funciona a linguagem e fazer o uso dela em variados contextos, escola *versus* casa.

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

O letramento é um fenômeno de cunho social, e sobressaem as características sócio-históricas da aquisição de um sistema de escrita por um grupo social. Segundo Magda Soares (2003), uma das primeiras menções feitas ao termo letramento ocorreu no mundo da escrita com uma perspectiva psicolinguística por Mary A. Kato, (1986), onde o termo se originou de uma versão feita da palavra da língua inglesa “literacy”, com a representação etimológica de estado, condição, ou qualidade de ser “literate”, definido como educado, especialmente, para ler e escrever.

Ainda, Soares (2003) afirma que “Literate” é o adjetivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita e “literacy” designa o estado ou a condição daquele que é “literate”, daquele que não só sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita. Estado ou condição são palavras importantes para que se compreendam as diferenças entre analfabeto, alfabetizado e letrado; o pressuposto é que quem aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e de escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição.

Ao construir o conceito de letramento, Soares (2001) decompõe a palavra:

letra + mento, estabelecendo os significados dos termos: letra como forma portuguesa da palavra latina littera e, -mento como sufixo, que indica resultado de uma ação. Portanto, letramento é o resultado da ação de “letrar-se”, se dermos ao verbo “letrar-se” o sentido de “tornar-se letrado”. Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 2001, p. 38).



Desse modo, o letramento faz parte da identidade e personalidade do indivíduo, afinal, quaisquer que sejam as formas de leitura e escrita, que aprendemos e usamos, são associadas a determinadas identidades e expectativas sociais acerca de modelos de comportamento e papéis a desempenhar. O termo letramento é recente ao se comparar com alfabetização e são distintos. Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler dentro de um contexto em que a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno (ALVES, 2005, s/p). Podemos associar a noção de letramento ao papel que a linguagem escrita tem em nossa sociedade, uma vez que o letramento não acontece somente na escola, ele está nos espaços que frequentamos, objetos, livros que temos acesso, e com quem convivemos.

Já a alfabetização, conforme aponta Soares (2006, p. 15), é um conceito mais específico, que diz respeito à aprendizagem da língua escrita como uma nova linguagem, diferente da linguagem oral, mas a ela associada, isto é, a aprendizagem da escrita como uma nova forma de discurso, processo de leitura e escrita.

A discussão sobre letramento no Brasil surgiu enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos com prevalência do conceito de letramento (SOARES, 2003).

Compreende-se que alfabetização e letramento se somam, não sendo a escola o único espaço para alfabetização, todavia, o processo de alfabetização na escola é trabalhado de um modo sistemático, é um local social, e nele que podemos compreender e ampliar o conhecimento sobre universo não só da escrita, mas também do letramento. É preciso que o professor alfabetizador compreenda que as atividades de alfabetização devem ser desenvolvidas integralmente, lado a lado, pois se dissociar uma da outra, a criança terá uma visão de mundo parcial, não proporcionando uma ampliação de possibilidades de imersão e participação em práticas sociais.

Em conformidade com Soares (2000), a alfabetização é um componente do letramento, e que é um erro repetir a prática de que alfabetização não é apenas ensinar a ler e a escrever, desmerecendo assim, de certa forma, a importância de ensinar a ler e a escrever. De fato, é uma forma de reconhecer que não basta saber ler e escrever, mas, simultaneamente pode levar a perder a especificidade desse processo de aprender a ler e a escrever, reconhecido como: aquisição do sistema de codificação de fonemas e decodificação de grafemas. É apropriar-se do sistema alfabético e ortográfico da língua, a aquisição é a “entrada” no mundo da escrita, ressalta-se que é um processo difícil, e até mesmo complexo de ensinar, tanto como de aprender.

A leitura e escrita são meios de comunicação e interação com o próximo, a alfabetização é um “veículo” para se chegar até a prática da linguagem oral e escrita, imergindo em um contexto letrado. Se dão em um processo indissociável, pois a habilidade de alfabetização e letramento resultam na língua escrita.

Entretanto, a aproximação, ainda que diferentes entre letramento e alfabetização, o que tem levado à concepção equivocada de que os dois fenômenos se confundem, e até se fundem, é inegável a relação entre alfabetização e letramento, pois deve-se alfabetizar letrando, compreendendo a alfabetização com significado de orientar a



criança para o domínio da escrita e o letrar, no sentido de conduzir a criança ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita.

LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No final do século XIX que foi dada a preocupação com a alfabetização na educação infantil, enfatizando atividades voltadas nos sons e símbolos. A partir do século XX, estudiosos passaram a explorar a “prontidão” para a leitura e escrita, em média, da idade de seis anos e meio, por aproximar do início da escolarização (GILLEN, HALL, 2003). A pré-escola era entendida como instituição antecedente ao ensino fundamental, com função da alfabetização, com exercícios voltados para aprendizagem da escrita.

O nome da criança é o início da compreensão do sistema de escrita, sendo ponto de referência para as outras escritas. É uma forma estável que fornece índices de leitura para a criança: a letra inicial e a letra final. Por meio do nome, a criança aprende convenções (escrita da esquerda para a direita), o nome das letras e a sequência das letras na escrita (MEYER, 2004 apud BAHIA, 2014).

E o que levou os pesquisadores a entenderem o significado de letramento, foi o contexto do trabalho, o cotidiano das pessoas, pois o analfabetismo funcional surgiu durante a Segunda Guerra Mundial, onde inúmeras pessoas deixaram seu País de origem, em busca de melhoria, em outros países. No entanto, houve dificuldades, entre elas, de se aprender uma nova língua, mas não se fez disso uma limitação para se comunicar, a fim de conseguir um trabalho para sobrevivência. Visto isso, como uma prática de letramento, capacidade de comunicar, mesmo sem saber ler e escrever os códigos linguísticos de determinado local.

Daí então, para se resolver erradicar o analfabetismo e analfabetos funcionais foram criadas políticas educacionais para muitos governantes, e que constitui um problema até os dias atuais em nosso país.

A alfabetização na década de oitenta (80) ocorria da seguinte forma: as crianças construía hipóteses sobre a escrita, mesmo sem saber ler e escrever, que é uma relação com a expressão motora, oralidade e escrita, exemplo disso, pode ser visto com bebês, que exploram as coisas ao seu redor, o som é um deles. O mundo social oferece experiências de linguagem, e pela memória, as crianças começam a repetição de palavras, pelo prazer de ouvir o som produzido e isso faz a memória associar-se a percepções sobre como as coisas são (GILLEN, HALL, 2003). É um trajeto que passa por gestos e oralidade até chegar à escrita.

As autoras Ferreiro e Teberosky (1985) mostram, em suas obras, partir do referencial piagetiano, como as crianças já dispõem de concepções próprias sobre a escrita, ressaltando que a criança, antes de ir para a escola, é capaz de fazer influência do contexto em que vive e como os responsáveis por ela interagem, objetivando aí a aprendizagem e tendo a escrita em sinais, que se compreende nos rótulos de produtos de supermercados, propagandas da televisão, dentre outros, contribuindo na linguagem usada pelas crianças.

Para Gillen, Hall (2003), as crianças não aprendem apenas os conteúdos



acadêmicos, mas também contesta a sala de aula, a dinâmica do espaço, a estrutura social. As crianças adquirem a linguagem falada ouvindo e interagindo com meio em que vive, sendo linguagem da família, da comunidade, com as brincadeiras, o faz de conta... Já a linguagem escrita é adquirida na escola, ou em casa com intermédio da família, por meio de leituras, como bilhetes, lista de compras, receitas, ajudando no trabalho doméstico, entre outros, e assim vai se dando o processo de alfabetização e letramento.

Ainda Soares (2004) afirma que dissociar alfabetização e letramento é um erro pois, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança no mundo da escrita ocorre simultaneamente por dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita (alfabetização) e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (letramento). A alfabetização desenvolve por meio de práticas sociais de leitura e escrita, por meio de atividades de letramento.

A concepção de alfabetização, tradicional a luz dos métodos analíticos ou sintéticos, tornava os dois processos independentes. Os métodos analíticos de alfabetização, segundo Frade (2007), partem do todo para as partes e procura romper radicalmente com o princípio da decifração, esse método busca atuar na compreensão dos “conteúdos”, defendendo os fenômenos da língua e dos processos de percepção infantil, baseado no reconhecimento global como estratégia inicial, e tomando como unidade de análise a palavra, a frase e o texto. Os aprendizes, em seus processos de alfabetização, podem realizar um processo de análise de unidades, que dependendo do método, vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba.

Já, segundo Frade (2007), os métodos sintéticos privilegiam o sentido do ouvido em relação aos sinais gráficos e, neles, eram comuns os exercícios de leitura em voz alta e o ditado; essas atividades guardam coerência com um tipo de pressuposto, que é o da transformação da fala em sinais gráficos. O objeto que se ensina explicitamente nos métodos fônicos e silábicos é, por autonomia, dedução do aprendiz. É possível encontrar lógicas e possibilidades em cada uma das tendências, dependendo do que é ensinado, e quando se ensina o sistema alfabético/ortográfico de escrita; em alguns casos, a sílaba é a melhor unidade para o ensino, em outros, a análise do fonema pode ajudar a estabelecer distinções entre palavras, quando a relação do fonema é mais direta.

Com isso, entende-se que, a alfabetização não precede o letramento, os dois processos são simultâneos, embora designem processos interdependentes, indissociáveis e simultâneos, são processos de natureza fundamentalmente diferente, envolvendo conhecimentos, habilidades e competências específicos, que implicam formas de aprendizagem diferenciadas, como consequência, procedimentos diferenciados de ensino.

LETRAMENTO E CAPITAL CULTURAL

Ao compreender o que é o letramento na educação infantil, indaga-se como é a prática do letramento no contexto de sala de aula? É um caminho que há diversas rotas,



e muitos modos, porém, todas as práticas devem incorporar “ouvir, falar, ler, ver, escrever e letramentos/literacias visuais e críticas” (MARTELLO, 2003, p. 36).

O “segredo”, para o bom resultado do letramento, é relacionar as experiências da casa e comunidade com os programas da educação infantil (JONES DIAZ, MAKIN, 2005, p. 4). É preciso relacionar o cotidiano da criança com o contexto estudado, trazer para sala de aula sua realidade, assim, a criança se sente inserida nesse ambiente, facilitando o processo de ensino aprendizagem. Devemos ressaltar que as primeiras aquisições da linguagem são validadas pela família, é um capital cultural, quando aproveitado, oferece uma aprendizagem contínua.

No entanto, o que é capital cultural? Nas palavras de Bordieu, com a publicação do artigo *Le Capital Social: notes provisoires*, publicado em 1980, pode ser assim definido:

conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 2011a, p. 67).

Entende-se que os indivíduos podem acumular capitais sendo econômico, social, cultural e até mesmo simbólico. No caso do contexto supracitado, que é o capital cultural que está relacionado ao que se acumula na educação, os conhecimentos apreendidos em geral. Bourdieu (2011a) defendia a relação entre desempenho escolar e origem social.

E ainda, que aparentemente a escola é um lugar democrático que passa o conhecimento de forma igualitária para todos os alunos, torna-se um equívoco, mas ao analisar a prática, em que o ensino não é transmitido da mesma maneira para todos, como se faz parecer, pois alunos pertencentes a classes mais favorecidas, trazem de casa aquilo que Bourdieu (2011a) denominou como capital cultural, ou seja, capital de cultura e o que caracteriza um grupo, é a cultura, valores, os significados que orientam e caracterizam os mesmos

Entreveja que, os alunos com capital cultural, aqueles que frequentam museus, teatros, exposições artísticas etc., são favorecidos em seus processos de aprendizagem, já alunos com vulnerabilidades sociais, que não têm acesso a esses bens, já chega à escola em desvantagem, são desfavorecidos porque não tiveram contato, por intermédio da família, com o capital cultural, o processo de aprendizagem para esses torna-se mais difícil. Isso não significa que não possuam capital cultural, porém não têm a cultura que a escola demanda.

O papel do professor é imprescindível, é preciso conhecimento, uma preparação de conhecimento e disposição, para criar um ambiente que leve a criança a ter acesso ao capital cultural, universo dos livros, filmes, usar de recursos palpáveis a determinada realidade, ainda que as condições sejam limitadas, para haver a tentativa de promover uma sociedade igualitária, onde conhecimento não seja de uma só classe econômica, conhecida por “classe dominante”.



O letramento na educação infantil tem sua prática na produção de significados, e se constitui em diversos momentos, entre eles quando o professor conduz os alunos a manipular os livros, virando as páginas, observando as imagens, desenhos, ao usar o alfabeto móvel, sentir as letras, brinquedos, mesmo ainda não tendo domínio de leitura, até que cada aluno, do seu modo, construa um significado.

É importante salientar que há preocupação da sociedade, de maneira global a alfabetização, entretanto, nem sempre há preocupação com o contexto social em que os alunos se encontram inseridos. A escola, é muito mais que alfabetizar, deve dispor de condições necessárias para o letramento.

É necessário também salientar que participação da família nesse processo, na educação dos filhos, é imprescindível. E para isso ocorrer é preciso planejamento, construir estratégias, pois por conta da maneira que estamos organizados socialmente, em uma esfera capitalista, o trabalho é o principal meio para garantir o dinheiro e logo, sobrevivência, sendo assim, a escola torna-se um lugar para as crianças ficarem, enquanto os pais trabalham, e eles vão até a escola uma vez ao ano, no momento da matrícula. Nisso, mais uma vez, cabe ao professor e todo corpo docente desenvolver meios, a fim de garantir uma comunicação com a família, uma das alternativas são visitar as famílias, com objetivo de aproximar dos mesmos e conhecer melhor o capital cultural e linguístico da criança, uma alternativa é usar uma agenda como veículo de comunicação, entre família e professor, favorecendo uma prática colaborativa, interativa e planejada.

Entendemos que planejar, em sentido amplo, é um processo que “visa dar respostas a um problema, estabelecendo fins e meios que apontem para sua superação, de modo a atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro”, mas considerando as condições do presente, as experiências do passado, os aspectos contextuais e os pressupostos filosóficos, culturais, econômicos e políticos de quem planeja e com quem se planeja.

Desse modo,

Planejamento é um processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, visando o melhor funcionamento das atividades humanas. O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis visando a concretização de objetivos em prazos determinado e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações (PADILHA, 2001 p. 30).

Planejar é, pois, uma atividade que está dentro da educação, visto que esta tem como características básicas: evitar a improvisação, prever o futuro, estabelecer caminhos que possam nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, prever o acompanhamento e a avaliação da própria ação, porque “Planejar e avaliar andam de mãos dadas” (LIBÂNEO, 1992, p. 221). A partir dessas questões o entendimento do conceito de participação, do trabalho associado de pessoas analisando situações, decidindo sobre seu encaminhamento e agindo sobre elas em conjunto, deve ser o eixo orientador das ações propostas.



LETRAMENTO E LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A literatura se relaciona com a construção do letramento na vida inicial da criança, na educação infantil, por ela propor a desenvoltura da imaginação como realidade. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI: “O ato de leitura é um ato cultural e social” (BRASIL, 1998, vol. 3 p. 135).

Desse modo, quando o professor faz um planejamento, contemplando uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independentemente da idade delas, enfatizando a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, permite com que às crianças constroem um sentimento de curiosidade pelo livro, revista, gibis, entre outros aportes de leitura. Ainda, de acordo com esse documento, o trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento.

Com tudo isso, abordar esse tipo de linguagem em sala de aula é fundamental para o desenvolvimento das crianças, e ainda adequar à realidade concreta e vivencial da criança ao imaginário, com a utilização de livros literários facilita o processo de ensino e aprendizagem, bem como amplia os processos de imaginação e criatividade. As crianças, desde muito pequenas, podem construir uma relação prazerosa com a leitura. Compartilhar essas descobertas com seus familiares é um fator positivo nas aprendizagens das crianças, dando um sentido mais amplo para a leitura (BRASIL, 1998, v.3, p. 135).

Freire (2008) afirma que a relação alfabetização está ligada à democratização da cultura do mesmo modo que a aprendizagem da escrita e da leitura seria o início da introdução da criança ou do homem no mundo da comunicação escrita. É essencial, pois, ouvir a criança considerando-se que o contato com o maior número possível de situações comunicativas e expressivas resulta no desenvolvimento das capacidades linguísticas das crianças, uma das tarefas da educação infantil é ampliar, integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante.

Isso significa, segundo o RCNEI (1998), que o professor deve ampliar as condições da criança de manter-se no próprio texto falado. Desse modo, é preciso sempre que, antes e depois da atividade de leitura fazer perguntas relacionadas ao texto, para verificar se houve a compreensão da história, se gostaram, o que acharam. Isso pode ser feito por meio da dramatização, um teatro estimulando a fala das crianças. De acordo com o mesmo documento, as instituições e profissionais de educação infantil devem organizar sua prática de forma a promover as seguintes capacidades nas crianças: participar de variadas situações de comunicação oral, para interagir e expressar desejos, necessidades e sentimentos por meio da linguagem oral, contando suas vivências; interessar-se pela leitura de histórias; familiarizar-se aos poucos com a escrita por meio da participação em situações nas quais ela se faz necessária e do contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos etc.



Segundo Melo (2015), ao misturar livros e brinquedos, livros e brincadeiras, a escola realiza um trabalho de sedução das crianças para a leitura, pois, à medida que o livro entra em sua vida, desde muito cedo e de forma prazerosa, desperta seu imaginário e, conseqüentemente, o desejo de ler. Abramovich (1995, p. 17) também discorre sobre a importância da leitura na Educação Infantil, segundo a autora, o primeiro contato da criança com o texto é feito oralmente, é trabalhar assuntos do cotidiano da criança, resolver conflitos, divertir, envolver a criança na leitura.

CONCLUSÃO

Com a realização deste estudo, pode-se inferir que as sociedades, no mundo inteiro, tornaram-se centradas na escrita, e a cada momento essa demanda veio e vem se multiplicando via práticas de leitura e escrita, em diversos suportes, sendo, papéis, meios eletrônicos, os quais utilizam-se inteiramente por meio da escrita. Conforme Dionísio (2005), uma pessoa letrada deve ser capaz de atribuir sentidos a mensagens procedentes de diversas formas de linguagem, bem como ser capaz de produzir discursos, incorporando múltiplas formas de interação.

Deve-se, portanto, sempre antes e depois da atividade de leitura, realizar perguntas relacionadas ao texto, para verificar se elas compreenderam a história, se gostaram, instigando as opiniões. Pode ser realizado também por meio da dramatização, um teatro, instigando a fala nas crianças, por essa razão, as atividades envolvendo a leitura, realizadas no cotidiano pelos professores, como a disponibilização de livros de literatura infantil e brinquedos, que permitem com que os primeiros contatos com a leitura sejam agradáveis e divertidos e contribuindo na aprendizagem da leitura e escrita, e para a construção da prática do letramento.

REFERÊNCIAS

ABROMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Organizado por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIONISIO, A. P. Gênero multimodais e multimodalidade. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, Paraná-PR: Kaygangue, 2005.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Tradução: FRADE, Isabel Cristina Alves. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. **Educação Santa Maria**, v. 32, n. 01, 2007.



FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1984.

GILLEN, Julia; HALL, Nigel. The Emergence of Early Childhood Literacy. In HALL, JONES DIAZ, Criss; MAKIN, Laurie. Literacy as social practice. In MAKIN, Laurie; Jones Diaz. (eds.). Literacies in Early Childhood. **Changing Views Challenging**. Literacy. London: SAGE Publications, 2003, p.3-12.

MARTELLO, Julie. Many roads through many modes: Becoming literate in early childhood. In: MAKIN, Laurie; JONES DIAZ. (eds.). Literacies in Early Childhood. **Changing Views Challenging Practice**. Sydney: MacLennan & Petty, 2005, p. 35-54.

LARSON, Joanne; MARSH, Jackie (Eds.) **Handbook of Early Childhood Practice**. Sydney: MacLennan & Petty, 2005, p. 3-14.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto. 2006.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.